

Gaúcho: corpo estrangeiro? Como chegamos e para onde vamos?

Ana Rosa Chait Trachtenberg¹
Magda Beatriz Martins Costa²
Patricia Rivoire Menelli Goldfeld³
Suzana Hart⁴

Resumo: As autoras descrevem o processo multidisciplinar de elaboração do vídeo *Corpo no Minuto*, cuja proposta era colocar em 60 segundos um tema ligado ao corpo. O vídeo denominado *Gaúcho: corpo estrangeiro*⁵ foi finalizado após cinco meses de calorosas e intensas discussões semanais entre três psicanalistas da SBPdePA e uma *designer*. Durante os encontros, procurou-se encontrar um foco e um suporte para a questão do estrangeiro e também se transitou por diferentes autores da psicanálise e outras áreas. Discutiu-se o material encontrado em fotos antigas de índios, de negros e das principais correntes migratórias do Rio Grande do Sul e, para mostrar o panorama atual, providenciaram-se fotos e vídeos com entrevistas aleatórias, com a pergunta: teus pais e teus avós, de onde são? Após a conclusão do vídeo, a inquietação das autoras foi para a clínica, com os questionamentos: Como aparece na clínica este estrangeirismo? Esta mistura étnica do gaúcho do Rio Grande do Sul aparece como herança da qual o sujeito se apropria? Aparece como um segredo transgeracional? É possível dar um nome ao fenômeno que,

1 Psicanalista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

2 Membro do Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

3 Psicanalista Associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre. Médica Psiquiatra Forense. Mestre em Psiquiatria (UFRGS) e Doutora em Cardiologia (UFRGS). Diretora-Geral do IPFMC.

4 Designer gráfica.

5 Disponível em: <https://www.facebook.com/SBPdePA/videos/1113303602094845/>.

com frequência, observa-se na clínica psicanalítica do RS, em tratamentos individuais, familiares e/ou de casal: a dificuldade no reconhecimento das origens étnicas?

Palavras-chave: Cisão. Estrangeiro. Pluralidade étnica. Recalcamento. Transgeracionalidade.

Eu sou estrangeiro de mim mesmo (Poema)

Eu me desconheço. Sou mesmo um estrangeiro de mim. Quem diria, sou feito de muitas partes – meus pais, meus avós, meus maestros, minha história, meus desejos, meus ódios. E quero e não quero, tudo ao mesmo tempo, reconhecê-los. Sou um mestiço. Quantas almas, quantas raças habitam o meu corpo, a minha mente. Me diga o que não quero saber, o que faço força, empurro a porta para não ver. Nem hoje, nem amanhã. Mas, o que fazer se minha pele me denuncia, meu cabelo encarapinha, minha boca é grande? Como lutar contra isso? Como lutar contra meu olho azul, minha pele vermelha no sol? Meu gosto de sal, de água salgada, ainda na boca, nos porões do navio que cruzou os mares. Um mundo melhor? Atravessei meio mundo para dizer que o que me habita não sou eu? Pra lutar como se tivesse uma fera dentro de mim? Oh! Que olhar tão cândido que me engana... Me engana? Te engana? Que luta! Tem ganhador? Me desconheço um pouco menos.

Ana Rosa Trachtenberg

Introdução

O RS, no sul do Brasil, é um estado brasileiro com uma riqueza étnica particular: além dos índios já presentes na região, foi colonizado por espanhóis e portugueses, sendo que estes trouxeram grande contingente de negros escravizados da África. A partir do século 19, recebeu importantes ondas migratórias de italianos, alemães, judeus, japoneses, poloneses, árabes e outras etnias. O fenótipo gaúcho é bastante variado, fruto de uma mistura étnica que inúmeras vezes dificulta a definição, a olho nu, da origem das pessoas. Por outro lado, tem a particularidade da manutenção das características físicas de algumas etnias, graças ao isolamento geográfico de algumas cidades do RS. Tal fenômeno se dá, por exemplo, em algumas regiões de colonização alemã ou italiana. Conta-se, inclusive, que até os dias de hoje, a primeira língua das crianças é o alemão ou o italiano, sendo o idioma português incorporado somente por ocasião do ingresso à escolaridade. O corpo mais comum nas grandes cidades do RS é o tipo *misto* ou indeterminado, ou, porque não [...] gaúcho, ou ainda, gaúcho – corpo estrangeiro.

Entendemos que o indivíduo se constitui, entre outros fatores, de sua história e de sua pré-história, tanto do ponto de vista genético, como dos pontos de vista subjetivo e social.

Mijolla (2001) disse que o psicanalista, ao lado do geneticista, deve defender o direito que cada ser humano tem de reconstruir os elementos da sua pré-história que, da mesma forma que o genótipo são fragmentos importantes de sua identidade. Muitas vezes as origens étnicas se perdem na sucessão das gerações, mas nem sempre estão esquecidas.

No filme de 60 segundos *Gaúcho: corpo estrangeiro*, bem como na clínica, observamos que há pessoas que reconhecem a sua múltipla origem étnica com satisfação e orgulho, entendendo que de cada uma delas é possível resgatar alguma riqueza particular. Podemos falar de identificações telescópicas? A. Trachtenberg (2002) assim denominou ao movimento psíquico que perpassa várias gerações, chegando a lugares muito distantes, conservando e, ao mesmo tempo, modificando histórias nessa trajetória. Está relacionado às tradições de grupos étnicos e de grupos familiares.

Entretanto, com muita frequência, observamos o seu oposto. Por exemplo: pacientes que têm uma nítida origem negra, evidenciando traços negroides, não só escondem de si e dos outros através do alisamento de cabelos, etc. como a cultura atual demanda, como tampouco fazem qualquer referência a esta raiz de sua constituição física ou de seu pertencimento.

Pensamos que esta questão vai além do preconceito racial, e é chamativo que ambos, preconceito e origem, ficam de fora do discurso verbal ao longo de anos de tratamento. Vergonha? Esta e outras origens étnicas são escondidas, *segredadas*, clivadas, cindidas, reprimidas *resistidas* pelo sujeito sem que ele mesmo tenha consciência desta particular situação.

Em relação às origens negras ou indígenas, vale pensar a sua relação com a história de escravidão no Brasil? É provável. Freire (2006 como citado em Pastori, 2012), em seu livro *Casa Grande e Senzala*, mostra as várias facetas que se estabeleceram entre senhores e escravos no Brasil. A convivência desde cedo da criança da família dos senhores com os escravos foi marcada pela ambivalência. [...] O vínculo com a escravidão deixou marcas psicológicas no modo de ser de todo e qualquer brasileiro. Estamos sempre oscilando entre um lado e outro do chicote. Vale pensar que esta *vergonha de origem* seja um fantasma transgeracional, derivado de uma vergonha social, que atravessa gerações? Trata-se de uma transmissão transgeracional, patológica e com capacidade para gerar sintomas ou sofrimento de diferentes características?

Como podemos ajudar nosso paciente a vencer esta *resistência étnica*? Aqueles que carregam dentro de si essa parte alienada de seu psiquismo e têm a sorte de encontrar um interlocutor válido, terão a chance de transformar essa herança transgeracional em herança intergeracional (a primeira delas é a patológica,

marcada por segredos encriptados, não elaborados em uma dada geração, e a segunda se refere à transmissão de tradições, trazidas pela palavra ao longo das gerações). Nesta ocasião, o sujeito poderá conectar-se efetiva e afetivamente com sua pré-história, suas raízes e assim enriquecer seu mundo interno com o pertencimento a cada uma delas.

Derrida (1973) nos oferece a proposta de fazer as obras falarem desde o seu próprio interior, através de seus vazios, suas contradições, sem a intenção de condená-las à morte. Ou, como no caso da pergunta anteriormente proposta, poderemos refletir a respeito da mesma, deixá-la falar, sem a necessidade de uma resposta que a feche, que a mate. Sem que a resposta seja a desgraça da pergunta. Pois, conforme o filósofo francês em relação à herança, a principal questão é a pergunta que podemos deixar ao outro.

Na cena psicanalítica, não é a resposta do analista que o analisando procura. Sua procura é por atenção, por acolhida, por um espaço de fala, de escuta, de reflexão, de ligação.

Assim, a preocupação com o outro aponta para a hospitalidade. Hospitalidade essa que vai designar a relação com o outro estrangeiro (Derrida, 2003). Hospitalidade que se apresenta como o ato de receber o outro, trata-se de abrir as portas da casa sem fazer perguntas, sem fazer condições; de hospedar sem que o outro-estrangeiro peça hospedagem. É ouvir sua questão sem que fale a nossa língua; é o ato de hospedar sentido, uma vez que o estrangeiro, aquele que não fala a mesma língua e de quem não conhecemos a língua, traz a questão da tradução. Tradução feita a partir de um fugidivo ponto de contato entre o texto original e o traduzido, ponto *infinitamente pequeno do sentido*. A tradução é a condição que possibilita o relacionamento com o outro em sua própria língua.

Somos estrangeiros de nós mesmos, o que nos causa estranhamentos, nos forma e nos deforma. Somos muitos e também uno.

Freud (1930[1929]) disse que a vida, por vezes, apresenta aspectos muito árduos, levando a sofrimentos, decepções e tarefas praticamente impossíveis. A fim de suportar tão adversas condições, o ser humano busca medidas paliativas, que funcionam como construções auxiliares. Menciona, então, como satisfações substitutivas os derivativos poderosos que nos fazem extrair algum sentido da desgraça sofrida, como a atividade científica, por exemplo; satisfações substitutivas que possam diminuir a dor sentida, como a arte, que funciona como uma ilusão, uma fantasia; e substâncias tóxicas que insensibilizam os sentidos. Acrescenta que o sofrimento nos ameaça a partir de três vértices: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução; do mundo externo que pode nos atingir e nos destruir; e, por último, mas não menos importante, dos relacionamentos

estabelecidos com outros homens. Salienta que “o sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro” (p. 95).

Lembra-nos Derrida (como citado em R. Trachtenberg, 2017) que *hostis*, em latim, significa tanto hóspede como inimigo (Derrida & Roudinesco, 2004). O outro, não recebido sem angústias, sem contradições, sem conflitos. É o estrangeiro, o desconhecido, o que fala outra língua, ainda que fale a mesma, já que sempre há uma dimensão estrangeira, estranha e íntima no outro, no outro do outro, no outro de mim.

O fenômeno da emigração/imigração é gerador de elevado nível de estresse para os sujeitos envolvidos. Abandonar a pátria onde nascemos e crescemos, com todas as nossas raízes, o ambiente conhecido, nossos familiares e amigos, é muito desafiador. Promove a passagem por muitos lutos simultâneos, além de exigir o enfrentamento de situações extremamente adversas na adaptação à nova pátria e na construção de novos vínculos.

Existem diferentes contingências que estão na origem do exílio: alguns emigram para encontrar melhores condições de vida, como é o caso da maioria dos grupos étnicos que emigraram para o Rio Grande do Sul no fim do século 19, e início do século 20. No entanto, houve outros que vieram no contexto da primeira ou da segunda guerra mundiais, quando tiveram que abandonar seu lar contra a vontade, deixando para trás tudo o que conquistaram, para preservar a vida. Ou, ainda mais, aqueles que viveram a própria guerra na forma mais perversa: como, por exemplo, aqueles judeus que passaram por campos de concentração.

Quando encontraram o novo lar, estes indivíduos vinham carregados com vivências traumáticas e segredos guardados. Esses traumas, que por sua intensidade estão acima da capacidade do indivíduo de elaborá-los, promovem cisões no ego e ficam encistados psiquicamente, tornando-se inacessíveis para elaboração. É sobre estes casos que explanaremos agora.

Para Freud, em *A divisão do ego no processo de defesa* (1938), a cisão ocorre quando, na existência de um conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade, o sujeito toma ambos os cursos simultaneamente, respondendo ao conflito por duas reações contrárias. Por um lado, rejeita a realidade recusando-se a aceitar qualquer proibição; por outro, reconhece o perigo da realidade, assume o medo desse perigo como um sintoma patológico e, subsequentemente, tenta desfazer-se do medo. Assim, as duas instâncias – instinto e realidade – não entram em conflito, permanecendo separadas dentro do sujeito, como ponto central de uma divisão do ego, com seu consequente empobrecimento.

Chem (2005), no livro *Transgeracionalidade*, questiona as reações adversas que podem induzir a esta cisão, lembrando Baranes (1991), para quem o desequilíbrio entre as experiências traumáticas e a função parental adequada promove um exagero do negativo, o que leva à instalação do mecanismo da desmentida. Ela conclui que o aparelho psíquico do sujeito mostra-se insuficiente para conter a situação traumática e incapaz de manter o ego integrado.

Se as heranças psíquicas garantem a passagem das aquisições e do potencial espiritual da humanidade, também são transmitidas aos filhos as cargas de superar as questões que ficaram em suspenso no inconsciente dos pais e ancestrais (Tisseron et. al., 1997). Os aportes de Abraham e Torok (1995), na década de 70, sobre o luto, a cripta e o fantasma foram decisivos para a compreensão das transmissões transgeracionais. Nos casos em que o luto não pode ser processado, por culpa ou por excesso traumático, a realidade em seu sentido metapsicológico pode instalar-se na forma de uma cripta, pela exigência de permanecer escondida [...] inominável. Ao contrário do neurótico, cujo desejo sofre um recalçamento dinâmico, que busca nos desvios sua realização simbólica, na cripta existe um desejo/crime realizado e sem desvios, enterrado e incapaz de renascer. Abraham chama a isto de recalçamento conservador. Nas gerações subseqüentes, as consequências desses processos paternos geram fantasmas que se manifestam num empobrecimento egoico.

Para Freud (1919), *unheimlich* é definido como algo do indivíduo que há muito tempo foi familiar à vida psíquica, mas que se tornou estrangeiro a ela pelo recalçamento. Freud descreve que a palavra *heimlich* vai desenvolvendo-se no sentido de uma ambivalência até chegar ao seu contrário *unheimlich*, que de certa forma é uma espécie de *heimlich*. O duplo no espelho, aquele que se desconhece conhecendo, nasce do narcisismo primário que domina a vida psíquica da criança e estará ligado ao que Freud chamou de compulsão à repetição, procedente da pulsão de morte. Trata-se de repetição não intencional, que aparece como fatalidade demoníaca, por meio de figuras fantásticas que personificam o destino ou a morte.

Será este o fenômeno que encontramos no racismo? Enxergamos no outro o estrangeiro de nós mesmos? Aquilo que mais odiamos ou tememos em nós? A expressão *eu convivo muito bem desde que cada um fique no seu canto* é algo que se escuta frequentemente nos consultórios psicanalíticos. Koltai (2000), em *Política e psicanálise: o estrangeiro*, afirma que o conflito entre Eros e Tanatos atravessa tanto o processo civilizatório quanto o desenvolvimento individual, fazendo com que o *estranho* que o sujeito quer eliminar transforme-se no *estrangeiro* que precisa ser eliminado socialmente.

O estrangeiro somos nós, de acordo com Kristeva (1994 como citado em Antonelli, 2015): “o estranho está em mim, em você, em todos nós. É nossa vida mental, o nosso continente estrangeiro/estranho. O estrangeiro é aquilo que não reconhece como sendo similar, como sendo eu” (p. 2).

Freud (1927), em *O futuro de uma ilusão*, afirmou que as pessoas tendem a incluir entre os predicados psíquicos de uma cultura os seus ideais e que, conseqüentemente, a satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é de natureza narcísica. Ele disse que

Tornar essa satisfação completa exige uma comparação com outras culturas que visaram a realizações diferentes e desenvolveram ideais distintos. É a partir da intensidade dessas diferenças que toda cultura reivindica o direito de olhar com desdém para o resto. Desse modo, os ideais culturais se tornam fonte de discórdia e inimizades entre unidades culturais diferentes, tal como se pode constatar claramente no caso das nações (p. 24).

Para R. Trachtenberg (2017, p. 112),

a psicanálise tem como meta fundamental o descobrimento de si, a tentativa sempre difícil de encontrar-nos com aquele que somos, com nossa própria estrangeiridade perdida ou nunca antes aceita ou ainda não nascida. Mas não nos iludamos: também nós resistimos com todas as nossas forças ao encontro com o estrangeiro em nós mesmos, esse estrangeiro sem passaporte que me faz eu mesmo, esse que me desafia a qualquer pretensão de uma identidade, esse que devo hospedar para ser.

A partir da confecção do vídeo inicialmente referido e das entrevistas realizadas para o mesmo, fomos verificando a presença de muitos outros naqueles que entrevistávamos. Por vezes, surpreendíamos-nos com a referência feita a uma origem étnica que não percebíamos. Constatávamos, dessa forma, a mescla de diferentes etnias na constituição do corpo gaúcho. Como disse um dos entrevistados, *um cadinho de raças em cada um*. No entanto, essa constatação não nos abria uma questão. Nossa questão é aberta, permanece aberta, diante da aparente indiferença ou negação do outro, eu-outro em relação às suas origens étnicas.

Gaúcho: foreign body? How do we go and where do we go?

Abstract: The authors describe the multidisciplinary process of elaborating the video *Corpo no Minuto*, whose proposal was to put in 60 seconds a theme linked to the body.

The video called *Gaúcho: corpo estrangeiro?* was finished after five months of warm and intense weekly discussions between three psychoanalysts of SBPdePA and a designer. During the meetings, we sought to find a focus and support for the issue of the foreigner and also we traveled through different authors of Psychoanalysis and other areas. We discussed the material that was searched for in old photos of Indians, blacks and the main migratory currents of Rio Grande do Sul and, to show the current panorama, we provided photos and videos with random interviews, with the question: your parents and your grandparents, where are they from? After the conclusion of the video, our concern went to the clinic, with the questions: How does the appearance of this foreignism appear in the clinic. Does this ethnic mixture of the Rio Grande do Sul gaúcho appear as an inheritance from which the subject appropriates? Does it appear as a transgenerational secret? We can give a name to the phenomenon that we frequently observe in the psychoanalytic clinic of RGS, in individual, family and / or couple treatments: the difficulty in recognizing ethnic origins?

Keywords: Ethnic plurality. Foreign. Repression. Splitting. Transgenerationality.

Referências

- Abraham, N., & Torok, M. (1995). *A tópica realitária: a casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- Antonelli, C. C. (2015). *O estrangeiro: eu e você*. [s.l.]: Novas Edições Acadêmicas.
- Barnes, J. J. (1991). Desmentida, identificaciones alienantes, tiempo de la generación. In: Missenard, A. et. al. *Lo negativo: figuras y modalidades*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva/Edusp.
- Derrida, J., & Dufourmantelle, A. (2003). *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade*. São Paulo: Escuta.
- Derrida, J., & Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã: diálogo* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1919). O estranho. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1969.

- _____. (1938). A divisão do ego no processo de defesa. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Koltai, C. (2000). *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta.
- Mijolla, A. D. (2001). História e pré-história psíquicas: o intergeracional e seus fragmentos de identidade. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 3 (2), 305-329.
- Pastori, S. S., & Nicolau, R. F. (2012). *Encontro transcultural: subjetividade e psicopatologia no mundo globalizado*. São Paulo: Escuta.
- Tisseron, S., Torok, M., Rand, N., Nachin, C., Hachet, P., & Rouchy, J. C. (1997). *El psiquismo ante la prueba de las generaciones*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Trachtenberg, A. R. C. (2002). Espaço psíquico geracional e as identificações telescópicas. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 4 (1), 195-202.
- Trachtenberg, A. R. C., Kopittke, C. C., Zympek, D. T. P., Chem, V. D. M., & Mello, V. M. H. de (2005). *Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trachtenberg, R. (2017). O rio, a ponte e o outro lado do rio: alguns pensamentos sobre estrangeiros, fronteiras e psicanálise. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 19 (1), 101-119.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

Recebido em: 25/01/2017

Aprovado em: 06/03/2017

Ana Rosa Chait Trachtenberg
Rua Mostardeiro 5 / 806
90430001 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: anarosact@gmail.com

Magda Beatriz Martins Costa
Rua Caju, 28 / 807
90690-310 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: magda.martins.costa@gmail.com

Gaúcho: corpo estrangeiro? Como chegamos e para onde vamos?

Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Rua Pedro Chaves Barcelos, 1114 / 502
90450010 Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: pgoldfeld21@gmail.com

Suzana Hartz
E-mail: suzanahartz@gmail.com